



BUSHIDO

Alma de Samurai





侍

BUSHIDO

Alma de Samurai

Inazo Nitobe, A.M., Ph. D.

Tradução:

Emílio Carlos de Albuquerque

大有
TAHYU





侍

ÍNDICE

O BUSHIDO COMO UM SISTEMA ÉTICO	9
AS FONTES DO BUSHIDO	15
RETIDÃO OU JUSTIÇA	22
CORAGEM, O ESPÍRITO DA OUSADIA E DA ORIENTAÇÃO ...	26
BENEVOLÊNCIA, O SENTIMENTO DA DOR	32
CORTESIA	41
VERACIDADE E SINCERIDADE	48
HONRA	55
O DEVER DA LEALDADE	61
A EDUCAÇÃO E TREINAMENTO DE UM SAMURAI	68
AUTOCONTROLE	73
AS INSTITUIÇÕES DO SUICÍDIO E DA REPARAÇÃO	78
A ESPADA, A ALMA DO SAMURAI	91
O TREINAMENTO E POSIÇÃO DA MULHER	95
A INFLUÊNCIA DO BUSHIDO	106
O BUSHIDO AINDA ESTÁ VIVO?	112
O FUTURO DO BUSHIDO	120



侍

CAPÍTULO I

O BUSHIDO COMO UM SISTEMA ÉTICO

A CAVALARIA¹ é uma flor não menos inata ao solo japonês do que seu emblema, a cerejeira; também não é um espécime mirrado de uma antiga virtude preservada no herbário de nossa história. Ela é ainda um objeto vivo de poder e beleza entre nós; e se ela não assume condição ou forma tangível, não menos recende a atmosfera moral, e nos adverte que ainda nos encontramos sob seu fascínio potente. As condições da sociedade que a produziu e nutriu há muito desapareceram; mas aquelas estrelas longínquas que existiram um dia e não mais existem, ainda continuam a esparzir seus raios sobre nós. Assim a luz da Cavalaria, que foi uma filha do feudalismo, ainda ilumina nossa trilha moral, sobrevivendo à sua instituição-mãe. Para mim, é um prazer refletir sobre este assunto no idioma de Burke, que pronunciou o bem conhecido

1 - N.E.: Cavalaria aqui nos remete mais às ordens monásticas e ao espírito "cavalheiresco" dos cavaleiros andantes da Idade Média, lembrando que cavalier, ou seja, cavaleiro em inglês, significa soldado de cavalaria, mas também, nobre e paladino.

e emocionante panegírico sobre o ataúde negligenciado de seu protótipo europeu.

Questiona uma triste deficiência de informação a respeito do Extremo Oriente, quando um erudito tão versado quanto o Dr. George Miller não hesitou em afirmar que a Cavalaria, ou qualquer outra instituição similar, jamais existiu quer entre as nações da antiguidade quanto entre as modernas do Oriente.² Entretanto, tal desinformação é amplamente desculpável, quando a terceira edição da obra do bom Doutor apareceu no mesmo ano em que o Comodoro Perry batia às portas de nosso exclusivismo. Mais de uma década depois, mais ou menos na época em que nosso Feudalismo estava nos estertores da existência, Karl Marx, escrevendo seu *Capital*, chamou a atenção de seus leitores para a vantagem peculiar de estudar as instituições social e política do Feudalismo, como sendo visto de forma viva apenas no Japão. Da mesma forma, eu chamaria a atenção do estudante ocidental histórico e ético para o estudo da Cavalaria no Japão dos dias atuais.

Atraente como é um tratado histórico sobre a comparação entre o Feudalismo e Cavalaria europeus e japoneses, o propósito deste escrito não é tratar dele em detalhes. Ao invés disso, minha tentativa é relatar *em primeiro lugar*, a origem e fonte de nossa Cavalaria; *em segundo lugar*, seu caráter e ensinamento; *em terceiro lugar*, sua influência entre as massas; e, *em quarto lugar*, a continuidade e permanência de sua influência. Desses vários pontos, o primeiro será apenas breve e superficial, ou então eu teria que conduzir meus leitores pelas tortuosas trilhas de nossa história nacional; o segundo, se estenderá mais amplamente, como sendo mais provável de interessar aos estudantes de Ética Internacional e Etologia Comparativa em nossas maneiras de pensamento e ação; e o resto será tratado como corolários.

A palavra japonesa, que eu, toscamente, representei como Cavalaria é, no original, mais expressiva do que habilidade em

2 - *History Philosophically Illustrated* (3ª ed., 1853). vol. ii., pg. 2.

lidar com cavalos. *Bu-shi-do* significa, literalmente, Militar-Cavaleiro-Caminhos — os caminhos que os nobres guerreiros deveriam observar em sua vida diária, bem como em sua vocação; numa palavra, os “Preceitos da Cavalaria,” a *noblesse oblige* da classe guerreira. Tendo dessa forma dado seu significado literal, posso me permitir usar, doravante, a palavra no seu original. O uso do termo original também é aconselhável por este motivo, que um ensino tão abrangente e único, causando um exemplo de mente e caráter tão peculiar, tão local, deve usar a insígnia de sua singularidade em sua face; além disso, algumas palavras têm um *timbre* nacional tão expressivo das características da raça que o melhor dos tradutores pode lhes fazer apenas inadequada justiça, para não dizer injustiça positiva e agravo. Quem pode melhorar pela tradução o que significa o “*Gemuth*” alemão, ou quem não sente a diferença entre as duas palavras verbalmente tão estreitamente afins quanto a inglesa *gentleman* e a francesa *gentilhomme*?

Bushido, então, é o código de princípios morais a que os cavaleiros eram exigidos ou instruídos a observar. Não é um código escrito; no melhor, consiste de umas poucas máximas transmitidas de boca em boca ou vindo da pena de algum guerreiro ou sábio bem conhecido. Com mais freqüência, é um código não proferido e não escrito, possuindo muito mais a sanção poderosa de feitos verdadeiros, e de uma lei escrita nas tábuas carnisais do coração. Foi instituído não na criação de um cérebro, embora capaz, ou na vida de um só personagem, embora renomado. Foi um crescimento orgânico de décadas e séculos de carreira militar. Possivelmente, preenche a mesma posição na história da ética que a Constituição Inglesa preenche na história política; entretanto, nada tem a comparar com a Carta Magna ou a Lei do Habeas Corpus. Realmente, no início do século XVII foi promulgado o Estatuto Militar (*Buké Hatto*) mas seus treze artigos curtos foram associados a casamentos, castelos, ligas etc. e os regulamentos didáticos foram apenas escassamente tratados.



Dessa forma, não podemos chamar a atenção para qualquer tempo e lugar precisos e dizer: — “Eis aqui a sua origem.” Como ela alcança um conhecimento somente na idade feudal, sua origem, com referência a tempo, pode ser identificada com o Feudalismo. Mas o Feudalismo em si é tecido de muitos fios e o Bushido compartilha sua natureza complexa. Como podemos dizer que, na Inglaterra, as instituições políticas do Feudalismo datam da Conquista Normanda, da mesma forma podemos dizer que, no Japão, seu surgimento se deu simultaneamente com a ascendência do Yoritomi, no final do século XII. Entretanto, como na Inglaterra encontramos os elementos sociais do Feudalismo com muita anterioridade ao período de William, o Conquistador, da mesma forma, também, os germes do Feudalismo no Japão existiam bem antes do período que mencionei.

Além disso, no Japão como na Europa, quando o Feudalismo foi formalmente instalado, a classe profissional dos guerreiros adquiriu proeminência. Eles eram conhecidos como *samurai*, literalmente querendo dizer, como o antigo *cnicht* inglês (knecht, knight), guardas ou acompanhantes, assemelhando-se em caráter aos *soldurii*, que César mencionou existirem na Aquitânia, ou os *comitati* que, segundo Tacitus, acompanhavam os chefes germânicos na sua época; ou, para usar um paralelo ainda mais posterior, as *milites medii* das quais se lê na história da Europa Medieval. Uma palavra sino-japonesa *Bu-ké* ou *Bu-shi* (Cavaleiros Combatentes) também foi adotada comumente. Era uma classe privilegiada, e originalmente deve ter sido uma casta rústica que fez da luta sua vocação. Essa classe foi naturalmente recrutada, num longo período de guerra constante, entre os mais másculos e mais intrépidos, e durante todo o processo em que durava a eliminação, os tímidos e frágeis eram descartados e apenas “uma raça rude, todos másculos, com força brutal,” para emprestar a frase de Emerson, sobreviveu para formar famílias e as fileiras dos samurais. Aparecendo para professar grandes honras e privilégios, e correspondentemente

grandes responsabilidades, logo sentiram a necessidade de um padrão comum de comportamento, especialmente por estarem sempre em pé de guerra e pertencerem a diferentes clãs. Da mesma forma que os médicos limitam a competição entre si por cortesia profissional, do mesmo modo que os advogados vão aos tribunais de honra em casos de etiqueta violada; assim os guerreiros devem também possuir algum lugar para um julgamento final de suas contravenções.

Fair play na luta! Que férteis germes de moralidade repousam nesse sentido primitivo de selvageria e criancice. Não é a raiz de toda a virtude militar e cívica? Sorrimos (como se tivéssemos amadurecido!) ante o desejo pueril do pequeno britânico, Tom Brown, “legar para si o nome de um indivíduo que nunca atormentou um garoto ou correu de um grande”. E ainda, quem não sabe que esse desejo é o marco em que as estruturas morais de imensas dimensões podem ser erguidas? Posso eu não ir assim tão longe e declarar que a mais gentil e mais amante da paz das religiões endossa essa aspiração? O desejo de Tom é a base em que a grandeza da Inglaterra está largamente construída, e não demorará muito para descobrirmos que o Bushido não está num pedestal inferior. Se a luta em si, seja ela defensiva ou ofensiva é, como os Quakers testemunham com propriedade, brutal e incorreta, podemos dizer ainda com Lessing: — “Sabemos de que defeitos nossa virtude brota”.³ “Mesquinhos” e “covardes” são epítetos do pior opróbrio a naturezas sadias e simples. A infância começa a vida com essas noções, e a Cavalaria também; mas, à medida que a vida cresce e suas relações se tornam multifacetadas, a fé primitiva busca sanções de autoridade superior e fontes mais racionais para sua

3 - Ruskin foi um dos homens de coração mais nobre e amante da paz que já existiu. Ainda assim ele cria na guerra, com todo o fervor de um devoto da vida árdua. “Quando eu lhe digo,” afirma ele em *Crown of Wild Olive* (A Coroa da Oliveira Brava), “que a Guerra é o alicerce de todas as artes, quero dizer também que ela é a base de todas as virtudes elevadas e faculdades dos homens. Para mim, é muito estranho descobrir isso, e muito apavorante, mas eu vi que isso é um fato realmente inegável. ... resumindo, descobri que todas as grandes nações aprenderam sua verdade da palavra e força do pensamento na guerra, que elas foram nutridas na guerra e desgastadas pela paz; ensinadas pela guerra e enganadas pela paz; treinadas pela guerra e traídas pela paz, numa palavra, que nasceram na guerra e expiraram na paz.”



própria justificativa, satisfação e desenvolvimento. Se os sistemas militares houvessem operado sozinhos, sem suporte moral mais elevado, quão distante da Cavalaria teria chegado o ideal dessa Cavalaria! Entretanto, na Europa, a cristandade, interpretada com concessões convenientes à Cavalaria, infundiu nela dados espirituais. “A religião, a glória e a **glória** foram as três almas de um cavaleiro cristão perfeito”, diz Lamartine. No Japão, houve várias fontes do Bushido.